

TEMPO

Epitácio Macário

(uma forma de falar de São Luís/MA, em 24/08/2019
Durante a viagem de 19 horas, no retorno para Fortaleza)

O relógio da coluna da hora resolveu parar de vez, justo na noite em que o menino se escafedeu. Quanto à função, ele já era inválido, fazia tempo. Mas, naquela noite, ele deixou a renitência com que lutava contra um mal causado pelo tempo. Parou!

Talvez por cansaço da peleja com a ferrugem ou mesmo um enguiço na força motriz. Quicã, em sinal de protesto contra a indiferença que fazia dele apenas um ponto de referência, perto da estribaria e onde os paus-de-arara estacionavam com feirantes e freguesia.

O mais plausível, para quem entende de relógios, é que tenha sido suicídio, pela separação dos dois viventes capazes de compreender sua luta contra o esquecimento e a invalidez.

Na semana retrasada, tinha morrido seu João, o velhinho da praça. Naquela noite, o menino sambudo partira não se sabe para onde.

Diferente dos outros dias, o menino veio até ele antes das vinte e três. Abraçou sua grossa perna e, pela última vez, auscultou o ranger das engrenagens.

Desta vez, ele vestia calça azul índigo e camisa branca-neve de botões. Nada do calção fuxicado e frouxo, com elástico atando à cintura. Estava bem asseado e calçava chinelos de rabicho de sola curtida.

Foi um abraço rápido e, depois, sumiu na esquina que ia dar na rodoviária.

É certo que há tempos os ponteiros grandes faziam ânimo de arranco, balançavam, mas não saíam do canto. O menor, das horas, tinha entalado entre as onze e cinquenta e cinco e as doze.

Mas toda noite, nesse horário, o ponteiro pequeno dava um salto e alcançava zero hora. Era como quisesse apressar o começo de um novo dia. Depois, em marcha à ré, voltava tristonho à posição anterior.

Parecia um soluço! – pensava o menino que aparecia sempre naquele horário e ficava assistindo ao relógio. E depois, colava a orelha à coluna para ouvir o ranger das engrenagens enferrujadas.

Fosse por seu desejo de relógio enguiçado, daria um pulo ligeiro para as seis horas. Adorava ver o sol levantar por trás da serra violeta e das casas que pareciam

sorrir, emparelhadas. As gentes saíam para as lidas e o guarda entregava aos moradores a cidade sã e salva.

Não gostava muito do badalar na torre da matriz. Era saudoso demais e sempre o arremessava aos tempos passados. Relógio que era, tinha como função marcar os instantes que mediam o passado, o presente e o futuro. Não podia, por isto, demorar-se em melancolias passadistas. Atrasar-se-ia.

Teria aquele menino entendido em profundo a natureza do relógio e por isto devotava-lhe atenção? Ou sentia no mecanismo um tanto de si mesmo, como um ponto onde se cruzam o passado, o presente e o futuro? Haveria uma inexprimível conexão entre a condição do velho relógio de praça e a alma daquele cambota?

As coincidências que o digam. Pois, as engrenagens pararam de vez no mesmo instante em que o menino de calça de índigo, camisa branca de botões e chinelos de rabicho botou o pé dentro do ônibus, à meia noite.

O tempo passou e tornou-se mais rápido, puxado a efemeridades frívolas. E a coluna da hora continuava apenas um ponto, sem nenhum sentido em si mesma. Onde se tomam ônibus, se aglomeram táxis e se marcam encontros para as baladas.

Do alto, o relógio vigiava a cidade. Frio. Indiferente.

Quarenta anos se passaram, até que um solavanco pôs a rodar as engrenagens. Foi um turbulento despertar.

Ofuscado pelos holofotes, o relógio viu o trânsito na avenida nova. As gentes eram outras e falavam com as máquinas. Ao seu lado, uma placa imensa exibia um letreiro luminoso, vermelho; alternavam data, hora, temperatura e uma frase estranha “My city, my love!”.

Sentiu vertigem...

Voltou-se sobre si e tateou-se por dentro. As engrenagens funcionavam. O motor também. Tudo restaurado e oleado com delicadeza.

Avistou-se na janela de vidro do prédio à frente. A feição casmurra ganhara um ar de dignidade. A coluna fora pintada de azul índigo até o meio e de branco neve, para cima. Embaixo, coisa de artesão, fizeram duas alpercatas de rabicho em alto-relevo.

Lembrou-se do menino. Lembrou-se da noite antes de parar de vez. O menino voltou?

Ainda em transe, viu o aglomerado de pessoas ao seu redor e ouviu as últimas frases do orador de barbas:

“a comunidade hoje festeja a entrada do ano. E não haveria gesto melhor para iniciar o novo tempo do que trazendo à vida um dos nossos ancestrais, o relógio da coluna da hora. Testemunha como nós de que a história não se esvai na efemeridade. Um registro do passado que devemos conhecer e preservar. Uma experiência acumulada a nos orientar no presente rumo a um futuro em que a terra seja a pátria da humanidade”.

Aplausos...

Depois que todos se foram, o homem de barba grisalha abraçou a coluna e auscultou o barulho suave das engrenagens.